

As relações do terrorismo moderno com a religião

David. A. Magalhães

Mestre em Relações Internacionais pelo Programa Santiago Dantas

Marina Mattar Soukef Nasser

Cursando graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP

Resumo

O objetivo deste artigo é avaliar a complexidade das relações entre religião e terror islâmico, questionando a percepção predominante nos discursos políticos que entende ser o terrorismo uma consequência direta do fanatismo religioso. Confrontaremos essa percepção com os estudos empíricos sobre as causas do terrorismo. A análise deverá distinguir as ações que se processam no nível individual das estratégias das organizações terroristas desmistificando a tese da irracionalidade política do terror.

Palavras-chave: Terrorismo moderno; fundamentalismo religioso.

Desde o fim da guerra fria, o terrorismo tem ganhado cada vez mais visibilidade internacional. Entretanto, foi após os atentados de 11 de setembro de 2001, quando os EUA elegem o terrorismo como o seu principal inimigo existencial, que o tema passou a adquirir maior dimensão na mídia, na academia e nos discursos políticos.

Desde então, um consenso se estabeleceu no seio da sociedade e das classes políticas ocidentais ao redor das causas do terrorismo: o fundamentalismo islâmico seria o principal fator causal dos atentados terroristas. Esse pressuposto tem repercutido decisivamente nos formuladores de política externa e alimentado a crença de que o terrorismo só seria vencido se uma profunda revolução nas sociedades muçulmanas fosse realizada. Foi em torno desse objetivo, por exemplo, que a guerra do Afeganistão e do Iraque foi amplamente apoiada pela população norte-americana.

Desta forma, intelectuais, ligados tanto ao partido republicano quanto ao partido democrata nos Estados Unidos, tem defendido a transformação radical da sociedade e da cultura política do Oriente Médio. De acordo com grande parte dos formadores de opinião e *policy makers*, a principal ameaça enfrentada pelos EUA pós-11 de setembro - - o terrorismo -- prolifera em regiões nas quais a modernização e a liberalização todavia não chegaram.

Daniela Pletka (2003), intelectual ligada à administração de George W. Bush e ao movimento neoconservador, por exemplo, defende que uma mudança de regime no Iraque acarretaria uma transformação em todo o Oriente Médio. Para sustentar sua opinião, Pletka reúne algumas estatísticas com o intuito de denunciar a precária situação social e econômica no Oriente Médio onde toda riqueza advinda do petróleo é concentrada nas mãos de uma pequena elite econômica e política. Partindo dos indicadores sociais, sobretudo os educacionais, Pletka, assumindo uma postura liberal-iluminista, atribui à carência de escolaridade e ao nível precário de renda as fontes de intolerância, obscurantismo e ódio anti-americano: *“Do you know what people without jobs and without education do? They learn in madrassas¹ and they hang around mosques. Not all, but enough to imbibe the virulence that is feeding a generation of terrorists and their sympathizers.”* (Pletka, 2003).

¹ Madrassa é uma palavra árabe que significa qualquer tipo de escola, secular ou religiosa (de qualquer religião), pública ou privada. No mundo muçulmano, a estrutura curricular habitual de uma madrassa inclui cursos de língua árabe, tafsir (interpretação do Alcorão), charia (lei islâmica), hadith (narrações do profeta Maomé), mantiq (lógica) e história do Islã. (Understanding Madrasahs, Alexander Evans, Foreign Affairs – 2006).

Tornou-se usual a referência às madrassas islâmicas como fonte do ódio e do radicalismo islâmico. Quando ainda era senador o candidato a presidente, Barack Obama prometeu dobrar os recursos em educação laica para combater as madrassas: “*I will double our annual investments to meet these challenges to \$50 billion by 2012. And I will support a \$2 billion Global Education Fund to counter the radical madrasas -- often funded by money from within Saudi Arabia -- that have filled young minds with messages of hate.*”²

Alinhado ao pensamento predominante no partido democrata, o influente analista Michael O’Hanlon aponta que o ideal seria que o oriente médio seguisse o padrão da Turquia como modelo de modernização:

“And for me, the threshold is not Mr. Wolfowitz's image of a democratic Iraq bringing about a broader transformation of the region. I'm sure we would all love that. I doubt very much whether most of us on the panel or in this room expect it, and I would not require it as a definition of acceptable outcome or significant improvement in the situation. Something like Atatürk's Turkey would be, to me, a perfectly acceptable kind of outcome....
(O’Hanlon, 2003)

A referência à Turquia de Kemal Ataturk não é novidade entre os especialistas em Oriente Médio nos EUA. O líder que aboliu o Califado, impôs secularismo e abriu a Turquia para a ocidentalização tem sido reiteradamente lembrado como um importante exemplo para os países árabes.

Outro intelectual vinculado ao pensamento liberal norte-americano, Kenneth Pollack (2006) defende, em *Grand Strategy: Why America Should Promote a New Liberal Order in the Middle East*, a importância dos EUA manterem como meta levar a democracia e os valores do liberalismo americano para o Oriente Médio para combater o terrorismo. Apenas uma nova ordem liberal na região poderá substituir um *status quo* marcado pela repressão política, pela estagnação econômica e pelos conflitos culturais. Essa ordem exige uma transformação ampla nas várias dimensões das sociedades árabes, o que envolve uma reforma econômica de acordo com os princípios de livre-mercado; uma reforma educacional que dê possibilidade dos ‘graduados’ competirem na economia global; uma reforma social que adapte os valores tradicionais às necessidades modernas e; estabelecer governos que garantam a lei e a ordem, que atendam os desejos da população e reflita suas crenças e aspirações.

² http://www.barackobama.com/2007/08/01/the_war_we_need_to_win.php

Essas teorias focalizam principalmente o fundamentalismo islâmico e postulam que o objetivo dos atentados é o de atacar todos os infiéis e, conseqüentemente, destruir a civilização ocidental. O terror é identificado, lembrando a tese de Huntignton (1993), com um comportamento irracional de reação às realizações da modernidade, principalmente, no que se refere à universalização da tecnologia e dos valores universais³. Entretanto, estudos empíricos realizados por pesquisadores nos EUA refutam essa perspectiva dominante, apresentando surpreendentes elementos para o entendimento das causas do terror.

Trataremos aqui das pesquisas realizadas por Pape (2006) e Krueger (2007), fundamentadas em um importante preceito metodológico de diferenciar o comportamento dos indivíduos terroristas das organizações que praticam o terror. Isto é, trata-se de distinguir a motivação individual dos propósitos das organizações, entendidas como ações estratégicas para alcançar objetivos políticos. Entendemos que é justamente essa atitude metodológica que permite percebermos o quão equivocada são as concepções do *mainstream* que influenciam as ações das grandes potências no cenário internacional.

No nível de análise do indivíduo há o objetivo de construir o perfil dos terroristas, buscando, em primeiro lugar, compreender as razões pelas quais os indivíduos aderem ao terrorismo, e em segundo lugar, as condições em que se formam os terroristas. As respostas convencionais a essas duas questões - a primeira relativa à motivação e a segunda às causas - nos dizem que o fenômeno é conseqüente da irracionalidade, expressa no fanatismo religioso, e que sua ocorrência se deve a problemas socioeconômicos. A partir desta hipótese, pode-se delinear um perfil do terrorista moderno: jovem, sem experiência e sem educação, - apto a aderir a movimentos extremistas e irracionais, como o fundamentalismo islâmico -, pobre, desempregado e sem perspectivas futuras - apto a dar a vida por uma causa. Isto é, o perfil de uma pessoa desesperada, sem esperanças e irracional, que encontra suas soluções na religião, identificada como o oposto da razão.

³ Cf. HUNTIGNTON, Samuel. The Clash of Civilizations. In: Foreign Affairs, Volume 73 – No. 3. *It is in the sweep of the Islamic nations from the Maghreb to Pakistan that the struggle for a new world order will begin. Bernard Lewis comes to a similar conclusion: "We are facing a mood and a movement far transcending the level of issues and policies and the governments that pursue them. This is no less than a clash of civilizations—the perhaps irrational but surely historic reaction of an ancient rival against our Judeo-Christian heritage, our secular present, and the worldwide expansion of both"* (Foreign Affairs: p. 32)

Entretanto, os dados recolhidos por Pape (2006) e Krueger (2007) refutam esse perfil. A pesquisa de Pape (2006) determinou a filiação ideológica de 83% dos 462 terroristas suicidas em todo o mundo, de 1980 a 2003. Ao contrário do que se esperava, a maioria dos perpetradores (57%) era laica e apenas 43% religiosos. Ainda que suponhamos que todos os terroristas não incluídos por falta de dados (17%) sejam religiosos, a distribuição fica quase uniforme: 52% de religiosos e 48%, laicos.

As informações relativas às condições socioeconômicas dos terroristas também refutam a concepção predominante. Os dados fornecidos pelos autores apresentam a mesma constatação: em geral, os terroristas possuem nível econômico e educacional mais elevado do que o do grupo social a que pertencem⁴. Pape também compara o status socioeconômico dos terroristas suicidas laicos com o dos religiosos, pois, convencionalmente, esses últimos são tratados como mais ignorantes que os outros. Entretanto, a incidência de terroristas laicos com educação abaixo do secundário é expressivamente maior do que a de religiosos, enquanto que a porcentagem destes últimos com educação superior ao secundário é de, aproximadamente, 61% contra 39% dos suicidas laicos (Pape: 2006; 256).

Entendemos que vincular o terrorismo ao obscurantismo religioso, lhe proporciona um caráter de irracionalidade que tem como resultado a deslegitimação das organizações terroristas como atores políticos. Assim, podemos concluir que o conhecimento produzido no Ocidente, sobretudo nos EUA, para compreender as ações terroristas acaba por desconsiderar seu aspecto mais relevante: seu significado. Portanto, acreditamos que esse tipo de ação social só poderá ser devidamente compreendido a partir da análise das organizações terroristas, os meios utilizados e os objetivos a serem alcançados.

Nesta segunda dimensão, como no estudo dos indivíduos, encontramos semelhanças dentro de uma heterogeneidade de atores, pertencentes a diferentes contextos históricos e sociais, como também filiados a ideologias diversas. Para isso, buscou-se analisar o fator determinante do terrorismo, que poderia ser socioeconômico e cultural, como indicam as concepções predominantes, ou político.

⁴ Cf. Kruger: 2007; 34 – 36.

Em todos os casos observados por Pape, a falta de desenvolvimento econômico e social dos países não aparece como fator causal do terrorismo suicida moderno. Da mesma forma, Krueger mostra que nas sociedades onde originaram as organizações terroristas o PIB per capita, o crescimento da economia e a taxa de alfabetização não possuem relações diretas com o fenômeno. No entanto, segundo sua pesquisa, estes fatores tendem a ser relevantes quando se trata dos países alvos: índices elevados de alfabetização, de PIB per capita e do PIB em crescimento estão relacionados com a incidência de ataques (Krueger: 2007; 73 e 74). Podemos concluir, portanto, que o terrorismo não possui relações diretas com fatores socioeconômicos, como afirmam as teorias predominantes. Os autores demonstram também ser a relação causal entre terrorismo e cultura, traçada por essas concepções, baseada em conclusões precárias. Segundo as pesquisas empíricas de ambos os autores, a questão religiosa, entendida aqui como uma questão cultural, não constitui um fator determinante do fenômeno, mas sim, um agravante do conflito⁵.

Para Krueger (2007) e Pape (2006), o terrorismo é, pelo contrário, causado por situações políticas: no primeiro caso, destacam-se os regimes que determinam seu aparecimento e no segundo, as condições políticas em que isso acontece⁶. De acordo com a pesquisa de Krueger (2007), todos os estados de origem dos perpetradores do terror possuem baixos índices de liberdade civil e direitos políticos (ibid; 79). Logo, podemos inferir que o terrorismo tem origem em sociedades que estão sob regimes repressores, de modo a possuir um caráter político e não, econômico ou cultural. A conclusão de Pape revela esse mesmo aspecto do fenômeno: em todos os casos analisados pelo autor, seja de terror suicida ou não, havia ocupação estrangeira no território que os terroristas consideram como seu. Dessa forma, entendemos ser o terrorismo uma forma de combate, na maioria das vezes, causado por ocupações estrangeiras, que tem como finalidade um objetivo estratégico, laico e político: a libertação nacional (Pape: 2006; 55 – 57).

⁵ Cf. Krueger: 2007; 81.

Cf. Pape: 2006; 59.

⁶ “Si el terrorismo suicida fuera irracional o desorganizado, lo esperable sería una pauta de actuación muy diferente: no se harían públicos los objetivos políticos (en los informativos, por ejemplo, encontraríamos referencias a atentados “canallas”), o los objetivos declarados variarían considerablemente, incluso dentro Del mismo conflicto. Cabría esperar también que la programación de los atentados fuera aleatoria, o tal vez inducida por los acontecimientos, en respuesta a acciones injuriosas o exasperantes cometidas por el otro bando, pero muy poco o nada relacionada con el avance de las negociaciones sobre los asuntos conflictivos en los que los terroristas desean influir” (Pape: 2006; 59)

O terrorismo pode ser definido, portanto, como uma ação política no sentido weberiano de adequação racional de meios e fins, consistindo o meio para atingir um fim político. “A política não pode determinar os objetivos a adotar sem levar em conta os meios disponíveis” (Aron: 2002; 74), essa afirmação de Aron reflete o elemento do cálculo na política, que fica explícito no discurso de Mahmud al-Zahar, líder do Hamas: “devemos calcular o custo e o benefício em continuar as operações armadas. Se podemos cumprir nossos objetivos sem violência, assim o faremos. A violência é um meio, não um fim” (Pape: 2006: 59).

Em contraposição pode ser dito que grupos terroristas, como a Al-Qaeda e o Hamas, reverenciam, em seus discursos, o Islã, explicitando suas diferenças com outras religiões e culturas, sobretudo a ocidental. Entretanto, a Al-Qaeda nunca realizou atentados contra alvos cristãos e judeus (com exceção de Istambul em novembro de 2002) e, nem mesmo contra Israel, uma vez que esses não possuem tropas destacadas na península arábica, nem no Iraque ou Afeganistão⁷, como é o caso dos Estados Unidos, principal alvo da organização. (ibid; 66 e 78)

Dessa forma, como podemos entender a relação entre religião e terrorismo? Seria essa apenas esboçada como retórica pelas organizações terroristas e como um erro de percepção (*misperception*) pelos analistas? Mesmo não constituindo a causa determinante do terrorismo, a religião pode ser entendida como um fator agravante dos conflitos de ocupação estrangeira, como explicitam as pesquisas aqui abordadas. Segundo Krueger, 62% dos atentados terroristas têm como alvo sociedades de religião diferente da sua, o que parece ser ainda mais forte em ataques suicidas, onde, como mostra Pape, em todos os casos analisados de 1980 até 2003, a sociedade ocupante e a ocupada são de religiões diferentes. Isso acontece porque o movimento de libertação nacional se recrudescer quando a sociedade ocupada sente sua identidade e, portanto, existência, ameaçada por transformações radicais, o que pode ser proporcionado pela diferença religiosa entre ocupantes e ocupados.

As pesquisas de Pape (2006) e Krueger (2007) tiveram repercussão nos Estados Unidos, onde ocorreu, até mesmo, um debate entre Krueger e Collin Powel, então secretário de Estado, acerca da formulação da política externa de combate ao terror. Nesta polêmica, divulgada nos meios de comunicação, o autor demonstrou a inexistência de referências e dados empíricos que possibilitassem, em primeiro lugar, o

⁷ Esses territórios são considerados pela Al-Qaeda como seu território de origem.

conhecimento do inimigo – as organizações terroristas – e em segundo, a avaliação dos efeitos da “guerra contra o terror” realizada pelos Estados Unidos. Assim, resta-nos perguntar as causas pelas quais as concepções, que revelam ser o terrorismo um fenômeno político, não aparecem na ação internacional de potências ocidentais, sobretudo os Estados Unidos, como explicita a opinião da elite política norte-americana.

Halliday (2005) oferece-nos uma explicação para este cenário: “No preconception about the Middle East is more prevalent, in east and west alike, than the idea that the politics of the region needs to be seen in terms of enduring and all-explaining ‘cultural’ values.” (Halliday: 2005; 193) Entendemos, à luz desta afirmação, que a cultura deve ser concebida não como determinante das questões sociais e políticas do Oriente Médio, mas, pelo contrário, compreendida em seu contexto social, histórico, político e internacional. A partir desta perspectiva, concluímos que não é a religião que modela as ações humanas, mas o homem que, por meio de suas escolhas, interpreta o texto religioso. Em todos os textos religiosos, há espaço para interpretações que justifiquem o assassinato e cometimento de crimes, no entanto, essa escolha é uma ação política consciente (ibid; 226).

Bibliografia

ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

HALLIDAY, Fred. **The Middle East in International Relations – Power, Politics and Ideology**. Cambridge University Press, 2005.

KRUEGER, Alan B. **What Makes a Terrorist**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

PAPE, Robert A. **Morir para Ganar – Las estratégia del terrorismo suicida**. Barcelona: Editora Paidós Ibérica, 2006.

PLETKA, Danielle. **Iraq, Conflict, and Beyond**. 3/12/2003a. Disponível na internet via: https://www.aei.org/publications/filter.all.pubID.21330/pub_detail.asp

POLLACK, Kenneth. **Why America Should Promote a New Liberal Order in the Middle East**. 22/07/2006. Disponível na internet via: http://www.brookings.edu/articles/2006/0722middleeast_pollack.aspx

O' HANLON, Michael. **Event: First-Hand Views from Iraq**. 2/12/2003c. Disponível na internet via: <http://www.brookings.edu/events/2003/1202iraq.aspx>